

Histórico de Mãe Neli de Oiá

Mãe Neli de Oiá nasceu às margens de um rio, em um parto marcado pela perda de sua mãe. Órfã desde o nascimento, foi criada por uma família de portugueses católicos. Desde jovem manifestava dons espirituais, chegando a benzer pessoas, o que fez com que muitos a considerassem "louca", dada a incompreensão que cercava sua espiritualidade.

Na adolescência, casou-se e, posteriormente, migrou para o município de Rio Grande acompanhada de seu esposo. Ao chegar na cidade, foi acolhida na casa de uma amiga da família, conhecida como Quita. Ali, iniciou sua trajetória religiosa na Umbanda, frequentando o terreiro do Seu Candoca, onde desenvolveu-se mediunicamente com a cabocla Juremita.

A partir dessa vivência, aprofundou seus conhecimentos e vivências religiosas e, na casa da amiga e comadre — que mais tarde seria reconhecida como Mãe Quita — conheceu Pai João do Exu Bi. Foi com ele que Mãe Neli iniciou-se na Nação Jejê Nagô, no Ilê denominado Centro Espiritualista Umbandista Reino de Iansã e Juremita (C.E.U. Reino de Iansã e Juremita).

Pioneira na Quimbanda, tornou-se amplamente reconhecida por sua sabedoria, firmeza e generosidade. Sua casa tradicional de Matriz Africana, localizada em Rio Grande, passou a ser referência para pessoas de todo o estado do Rio Grande do Sul, de outras regiões do Brasil e até mesmo de países vizinhos.

Mãe Neli de Oiá foi um símbolo de resistência cultural e religiosa. Sua casa era não apenas um espaço de culto, mas também de acolhimento e promoção de saúde, cultura e equidade. O Ilê abrigou ensaios de jovens dançarinos de break, casamentos e diversas atividades comunitárias. Com visão à frente de seu tempo, Mãe Neli teve ainda a iniciativa de criar o Museu do Ogum dentro do terreiro, tornando-se precursora das políticas públicas de equidade em espaços de fé.

No dia 18 de julho de 1988, Mãe Neli partiu para o Orun, deixando um legado profundo de respeito, tradição, espiritualidade e luta. Sua memória vive no coração dos filhos e seguidores do Reino de Iansã e Juremita, que seguem honrando sua ancestralidade e mantendo vivo o espaço que ela ergueu com sabedoria, coragem e amor.